

O IMPACTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA VIDA DE SUJEITOS PSICÓTICOS

Ernane Fernandes Vitor – Graduando em Psicologia – Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX

Vitória Hellen Mendes Lima – Graduanda em Psicologia – Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX.

Fernanda Bicalho – Graduada e Mestre em Psicologia – Professora do curso de Psicologia da Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A teoria das representações sociais foi criada pelo psicólogo social Serge Moscovici. Segundo ele, as representações socialmente engendradas são pressupostas pelas interações humanas (MOSCOVICI, 2003). Podem ser entendidas como interpretações da realidade criadas pela sociedade. São, portanto, teorias sobre saberes populares e de senso-comum partilhadas coletivamente (MONTEIRO, 2020). O mundo simbólico criado nas inter-relações humanas, se constitui por meio de valores e crenças com as quais os sujeitos se relacionam em seus processos formativos, institucionais e formais (SANTOS, 2020). Em relação à doença mental as representações sociais são caracterizadas pela diversidade, coexistindo em seu cerne simultaneamente a familiaridade e o estranhamento (DIAS, 2015). Os manicômios e hospitais psiquiátricos, ao se disseminarem no século passado nos interstícios do tecido do corpo social, influenciaram seus hábitos, discursos e suas modalidades de subjetivação (SOUZA, 2001). O preconceito e discriminação são atitudes normalmente mobilizadas por crenças negativas que nos levam a temer, rejeitar e evitar tudo o que é desconhecido, principalmente pessoas com transtornos mentais (PRADO, 2016). Sobre a categoria das psicoses, vale destacar que a redução desse termo à esquizofrenia traz uma classificação que destaca o déficit das funções psíquicas. Psicose é uma noção categórica mais complexa, a última noção de “esquizofrenia” traz o peso simbólico da loucura (TENÓRIO, 2016). Os conceitos de normal e patológico situa certos sujeitos numa condição de desviante, ou ainda, situa-o, face ao saber-poder, numa condição de portador de um discurso ininteligível e desqualificável. (SOUZA, 2001). O objetivo do presente resumo expandido consiste em analisar a literatura a respeito do impacto das representações sociais na vida de sujeitos psicóticos, contudo, sem o intuito de exaurir o tema, buscando contribuir para futuras pesquisas e práticas de pesquisas.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica de base descritiva, onde foram utilizados artigos pesquisados nas plataformas de busca Scielo e Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram: representações sociais, psicose, história da loucura.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diferentes compreensões sobre os sujeitos são construídas e difundidas de acordo com o contexto em que elas influem no imaginário social de determinado tempo histórico. As histórias de vida dos sujeitos são produzidas por crenças coletivas que se inscrevem em construções sociais simbólicas e institucionais. (MONTEIRO, 2020). Instituições como os manicômios e hospitais psiquiátricos, no século passado alastraram-se nos interstícios do tecido do corpo social, nos seus hábitos, discursos e nas suas modalidades de subjetivação. Os valores dessa época configuraram-se como uma forma de exclusão daquele que não tinha sua razão ou seu “juízo” plenamente preservado (SOUZA, 2001). O paradigma da saúde mental tem mudado nas últimas décadas, ampliando e avançando conceitos até então puramente biológicos. A saúde mental começa a ser entendida como um processo contínuo, onde os sinais das doenças podem ser entendidos como consequências da interação entre fatores genéticos, biológicos, psicológicos e culturais (PRADO, 2016). Representações sociais sobre “esquizofrênicos” há algumas décadas atrás eram explicitamente excludentes, hoje são tratados com a mesma seriedade que se trata pacientes clínicos (SANTOS, 2020). A psicose deve ser entendida como uma realidade psíquica merecedora de cuidado e de investimento relacional por parte dos profissionais que com ela se deparam (SOUZA, 2001). Acredita-se que o bem-estar proporcionado por relações saudáveis permite ao sujeito perceber e interpretar adequadamente a realidade, contribuindo dessa forma para a construção de um mundo interno harmônico (PRADO, 2016). Praticamente todos os pacientes em tratamento vivenciam danos causados pelo estigma social da doença mental (DIAS, 2015). Mudanças em relação ao lugar que é colocado o doente mental, deixa claro o quão carregado esse lugar é de representações sociais (TENÓRIO, 2016). Memórias e as representações sociais da Reforma Psiquiátrica confirmam que tais proposições políticas de cuidado ainda não são tão eficazes quanto aquilo que está escrito no “papel” (MELO, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, evidencia-se que, as representações sociais que circundam a vida de sujeitos psicóticos ainda hoje são carregadas de receio, falta de informação, preconceito e discriminação. A prática de classificar pessoas entre doentes mentais ou normais fortalece lugares historicamente marcados pela exclusão. Além disso o estigma diante das doenças é um dos fatores responsáveis por inibir a procura por atendimento.